

VI Semana Acadêmica de Pesquisa, Inovação e Extensão da UEMASUL  
07 a 09 de novembro de 2023- Imperatriz - MA

## **A FORMAÇÃO DA MATRIZ RELIGIOSA BRASILEIRA: HIBRIDISMO TUPINAMBÁ NO QUINHENTISMO**

**RITA DE CÁSSIA PEREIRA DA SILVA FIGUEIREDO<sup>1</sup> - MOAB CÉSAR  
CARVALHO COSTA<sup>2</sup>**

### **AFILIAÇÃO:**

**<sup>1</sup>UNIVERSIDADE ESTADUAL DA REGIÃO TOCANTINA DO MARANHÃO  
AFILIAÇÃO - CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, SOCIAIS E LETRAS - R.  
Godofredo Viana, 1300 - Centro, Imperatriz - MA, 65900-000**

**<sup>2</sup>UNIVERSIDADE ESTADUAL DA REGIÃO TOCANTINA DO MARANHÃO  
AFILIAÇÃO - CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, SOCIAIS E LETRAS - R.  
Godofredo Viana, 1300 - Centro, Imperatriz - MA, 65900-000**

### **RESUMO**

O presente projeto, financiado pela FAPEMA, tem como eixo principal a pesquisa quanto a formação da matriz religiosa brasileira e a importante contribuição das religiões originárias, principalmente os Tupinambá, e de africanos escravizados para o fomento do catolicismo popular. Dessa maneira, considerando veementemente a literatura dos viajantes, bibliografia especializada e documentos datados dessa época, analisamos as contribuições desses escritos na observação do hibridismo entre o catolicismo que chegou à terras brasileiras e o profetismo Tupinambá, através dos movimentos conhecidos como Santidade, na Bahia, em 1580. Os sincretismos e hibridismos presentes no período colonial formaram os padrões e cosmovisões de sua gente, seus povos, o Brasil, uma vez considerados “de todos os Santos” (VAINFAS & SOUZA, 2022), tornou-se uma amálgama simbólico e étnico que eleva suas características. No entanto, apesar de plural, o campo religioso era dominado de maneira hegemônica pela Igreja Católica que era a religião oficial até a Proclamação da República, e assim, a influência católica se beneficiava de sua oficialidade monopolista, porém, apesar de todo seu aparato controlador, a Igreja não escapou das diversas maneiras de resistência oriundas das religiões das comunidades originárias e africanos escravizados. Desse modo, as manifestações religiosas não-católicas eram marginalizadas, perseguidas e proibidas, e o catolicismo permaneceu no centro do poder através de sua dominação simbólica, o que fez com que os povos originários tivessem que camuflar suas tradições com máscaras cristãs, para que assim pudessem professar suas crenças, mesmo que indiretamente. Dessa forma, analisar a construção histórica da matriz religiosa brasileira, especificamente no período colonial, principalmente a matriz do catolicismo popular português, a religião dos povos originários bem como a cosmovisão dos africanos, da mesma maneira que tenta-se compreender o que possibilitou o trânsito religioso tornar-se comum, assim como, compreender como a

VI Semana Acadêmica de Pesquisa, Inovação e Extensão da UEMASUL  
07 a 09 de novembro de 2023- Imperatriz - MA

pluralidade do ethos religioso brasileiro foi provocado. Tem como objetivo principal compreender as religiosidades brasileiras no período colonial, com ênfase nos processos híbridos e sincréticos que resultaram no catolicismo Tupinambá, tal como historicizar as contribuições das tradições religiosas na construção do Brasil. Essa é uma pesquisa de natureza exploratória de caráter exclusivamente bibliográfico, através dos documentos da época e textos inquisitoriais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Catolicismo Tupinambá; Sincretismos; Santidade.

## INTRODUÇÃO

Quando nos referimos a formação da matriz religiosa brasileira, estamos diante de um imenso mosaico, onde tem-se diversas vertentes de devoção que resultaram no amálgama simbólico, fruto de intensos processos de hibridismo vividos no Brasil Colonial. Diferentes tendências de devoção permearam os territórios do Novo Mundo nos séculos que sucederam a chegada dos europeus: a religiosidade indígena foi a primeira, e esses, como todo povo “natural”, tinham uma específica noção de divindades (POMPA, 2001, p. 31), dessa forma é possível averiguar que a religiosidade dos habitantes originários, era, portanto, diversa, mas que se conectam por um pressuposto comum: a ligação com o sagrado natural e com seus antepassados (FERNANDES, 1963, p 353 ). A segunda vertente religiosa refere-se ao modelo de cristianismo que chegou ao Novo Mundo, o catolicismo popular ibérico e assim, transplantou-se para cá uma instituição religiosa que fazia parte do intenso projeto colonial de ocupação (BOFF, 1993, p 198) promovendo assim um intenso dinamismo cultural. A terceira tendência trata-se das religiões de matriz africana, manifestada por escravizados oriundos de diferentes regiões do continente e suas religiões podem ser vistas como um elo de unificação entre esses variados grupos, uma vez que as manifestações religiosas são múltiplas e variadas, assim como o ser humano, em suas inúmeras culturas (FUNARI, NAVARRO, TATSCH et al., 2009, p 3).

Considerando isso, os intensos processos de sincretismos tornaram-se inevitáveis na vida cotidiana da colônia portuguesa, uma vez que o sistema sincrético consiste na fusão de diferentes doutrinas, crenças e ritos. Desse modo, nessa intersecção de culturas e crenças surgem a partir de vários aspectos através de elementos sociais, culturais, comunicativos e religiosos, dessa forma, assim como “a escravidão foi à pedra basilar no processo de acumulação do capital” (FERNANDES, apud QUEIROZ, 2003, p. 106), os mecanismos de resistências religiosas foram essenciais para os processos sincréticos na colônia portuguesa.

VI Semana Acadêmica de Pesquisa, Inovação e Extensão da UEMASUL  
07 a 09 de novembro de 2023- Imperatriz - MA

A integração dessas diferentes doutrinas propiciou o surgimento de uma espécie de hierarquia religiosa na colônia portuguesa, resultado inicial do hibridismo cultural e religioso, dessa forma, a Igreja Católica gozava de todos os benefícios que sua dominação do campo religioso e sua posição hierárquica e despótica lhe proporciona, sendo assim, as manifestações religiosas não católicas foram organizando-se através de maneiras religiosas populares, de uma maneira sutil, reiterando-se exclusivamente na manutenção de suas crenças.

A colonização ibérica no Novo Mundo implantou, com auxílio simbólico da religião, uma dominação das tradições existentes, onde não somente era proibido a pluralidade religiosa, mas também realizava-se a condenação aos considerados pecadores e aos seus cultos, dessa forma, garantia-se o monopólio religioso do catolicismo, bem como sua soberania hierárquica.

A condenação legal de religiões não católicas reafirmaram o reconhecimento monopolista do catolicismo, fazendo com que a Igreja viesse a impedir, de maneiras mais ou menos rigorosas, a entrada e manutenção de novas possibilidades de devoção, o que dificultava o indivíduo não somente na liberdade de culto, mas também na busca individual da salvação (BOURDIEU, 2007). A monopolização do campo religioso da América portuguesa seria, portanto, a maneira de legitimar a exploração natural e humana, tendo em vista que:

De todos os frutos que poderia dar à terra recém descoberta, o melhor seria salvar a gente indígena. E esta deve ser a principal semente que vossa alteza deve lançar.  
(CAMINHA, 1923, p 99)

O processo que envolvia a salvação dos corpos indígenas, bem como a soberania sobre seus ritos de religiosidades, culminou em grandes movimentos de resistências culturais e religiosas, com a intenção de permanecer viva nas tradições e ritos indígenas. Em vista disso, a mesclagem resultante da convivência entre diferentes povos inicia-se a partir da interligação da cosmologia Tupinambá com os preceitos católicos. Com base nisso, a idolatria afigurava-se, aqui, como resistência surda, a minar no cotidiano os esforços da catequese e da exploração colonialista. Sendo assim, contra uma indubitável tentativa de dominação, somente a execução de um antagonismo silencioso, que camufla suas resistências culturais e impossibilita uma incriminação.

VI Semana Acadêmica de Pesquisa, Inovação e Extensão da UEMASUL  
07 a 09 de novembro de 2023- Imperatriz - MA

## **METODOLOGIA**

Para o presente projeto realizou-se uma pesquisa de caráter exclusivamente bibliográfico. Segundo Almeida (2011), a pesquisa bibliográfica busca relações entre conceitos, características e ideias, muitas vezes unindo dois ou mais temas.

Para a busca de trabalhos como fonte de pesquisa, foram utilizados estudos bibliográficos sobre o campo religioso brasileiros no período colonial, análises de documentos do contexto da época, como os processos inquisitoriais da visitação do Tribunal da Santa Inquisição, bem como análise da literatura dos viajantes produzidas no Quinhentismo.

O projeto partiu da necessidade de aprofundamento nos sincretismos religiosos na colônia portuguesa e suas influências, utilizando-se de uma abordagem exploratória pesquisando fenômenos de determinado tempo, cultura e local, visto que, essa pesquisa centra seus aprofundamentos nas questões de religião e religiosidade colonial, a partir dos seguintes descritores: Religião, Brasil, Colônia, Indígenas, Catolicismo Tupinambá, Santidade de Jaguaripe e Tupinambá. Não foi utilizado nenhum filtro de especificidade anual, sendo dispostos aqueles que atenderam ao recorte de tema, tempo, espaço e cultura do presente projeto.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Segundo Vainfas (2022) a historiografia brasileira por muito tempo desconheceu os fenômenos de resistência indígena, bem como seus resultados para a formação da história nacional. No entanto, os Movimentos de Santidade, principalmente a de Jaguaripe, estabelecida no Recôncavo Baiano (1585-1595), mostraram-se resistentes ao colonialismo, a escravidão, à obra missionária de catequização e da maneira como uma sobrevivência (se) constitui sempre a partir de uma resistência. Assim, evidencia-se a recusa em deixar-se desapropriar de seus instrumentos de produção simbólica para adotar outros, Bourdieu (2007, p 45). A Santidade de Jaguaripe: narrativa e desdobramentos. As principais obras que tratam da Santidade de Jaguaripe utilizadas nessa pesquisa são de Ronaldo Vainfas (2022, 1997), Anita Novinsky (2009) e Paraíso (2011). Nelas podemos encontrar fragmentos de documentos de época (depoimentos inquisitoriais), literatura de viajantes e escritos de época.

Os Movimentos de Santidade, na busca pela Terra sem Mal, destacam-se entre as

VI Semana Acadêmica de Pesquisa, Inovação e Extensão da UEMASUL  
07 a 09 de novembro de 2023- Imperatriz - MA

diversas maneiras de resistência religiosa e cultural. Mostram-se tão análogo ao cristianismo que, durante os processos inquisitoriais do Santo Ofício, foram constatada a presença e adesão de brancos, que relataram estar convictos de ser um ritual católico, uma vez que havia a utilização de artefatos de referência católica.

Assim, não somente o batismo na Santidade, mas também, celebrações intrínsecas ao sagrado cristão eram reinventadas pelos Tupinambá, mostrando acontecimentos que ocorriam nos limites das fronteiras culturais. Destarte, aos olhos dos ameríndios, a Santidade, era, antes de tudo, uma cerimônia particular, onde os indígenas poderiam então vivenciar os seus mitos, Vainfas (2022, p 127), uma vez que tinham suas determinadas e específicas noções de religiosidade e divindades.

Com base nisso, evidencia-se a penetração cultural indígena dentro do catolicismo, camuflando-se dentro das esferas dogmáticas e litúrgicas de maneira anticolonial, e assim, a Santidade mostrava-se como um caminho para um céu, no entanto, "a qual céu se referia a pregação? Ao paraíso cristão ou à terra sem mal?", Vainfas (1992, p 13)

A constante busca pela Terra Sem Mal, o paraíso Tupi, um espaço e tempo sagrado relatados por Nóbrega, Jean de Léry e outros viajantes, evidencia-se como uma alusão de chegada à eternidade, que através dos cânticos mostra-se como o início e o fim, que se entrelaçam no sagrado e, assim, o êxito da Santidade, significaria o momento de conversão e chegada aos céus. Outras expectativas era que os mantimentos de vida cresceram sozinhos na terra e as flechas caçam sozinhas, todos seriam jovens e a única necessidade seria a de dançar e festejar a vida.

Esse entrelaçamento entre a Santidade e a Terra Sem Mal ultrapassa os limites de independência do outro, uma vez que tornaram-se equivalentes. Ao descrever o movimento, Vainfas (2022) relata que os movimentos mostravam-se cada vez mais sincréticos ao passo em que a Santidade incorporava o cristianismo. O autor apresenta os exemplos de dois personagens: Antônio e sua esposa, que após passarem pelo batismo católico e terem conseguido unir muitos nativos através de suas pregações, passaram a serem chamados de Tamandaré, uma importante figura ancestral Tupinambá, e Maria Mãe de Deus. Os dois afirmavam terem sido escolhidos por Deus para ser o verdadeiro Papa da Igreja de Roma.

Desta maneira, celebravam missas, realizavam cultos, danças, celebrações, rituais e até mesmo batismos, com a intenção de trazer cada vez mais adeptos para suas celebrações

VI Semana Acadêmica de Pesquisa, Inovação e Extensão da UEMASUL  
07 a 09 de novembro de 2023- Imperatriz - MA

religiosas, convencendo-os a abandonarem o trabalho forçado e seguirem a Santidade em busca do seu paraísos, a Terra Sem Mal:

Descendentes dos deuses, e ele mesmo um homem-deus, Antônio Tamandaré ancorava seus discurso e legitimava o seu poder nas mais arraigadas tradições tupis: a mitologia heróica da criação do mundo e a busca da Terra Sem Mal - o almejado refúgio eterno dos índios. (VAINFAS, 2022, p 138)

Os adeptos da Santidade não eram quantitativamente todos indígenas, ao ponto de que, por se tratar de uma celebração hibridizada com o catolicismo, seus ritos envolviam demasiadamente passagens católicas, no entanto, sem envolver diretamente seus símbolos. Consequentemente a Santidade tornou-se um culto não exclusivamente indígena, e fartos números de adesão de brancos relatam que essa população de fato vieram a crer e reverenciar a santidade, ao modo que ela se varia e se internaliza:

[...] em muitas partes desta Bahia e seu Recôncavo, brasis cristãos e muitos mamelucos filhos de brasis e de brancos, e muitas pessoas brancas, sendo todos cristãos, creram na dita abusão e deixaram a fé de Cristo Nosso Senhor, e o mesmo começavam já a fazer os negros cristãos de Guiné que havia nesta Bahia. (Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Inquisição de Lisboa, p 198)

O que levava os brancos a hibridizar suas práticas religiosas seria a necessidade de uma religiosidade comum que estivesse próximo ao catolicismo popular que veio de Portugal, e esse fator se intensificava mais a partir de como os membros da Igreja chamavam a idolatria Tupi de Santidade, sacralizando, a partir da nomenclatura, o que evidenciava mais uma vez a participação, mesmo que indireta, do catolicismo no progresso do sincretismo religioso brasileiro.

À vista disso, o batismo católico representava a morte - real - pois ao se batizarem a partir para os aldeamentos, tão logo desenvolviam doenças e morriam, destarte, o rebatizo na Santidade simbolizava, para os indígenas, a vida, uma vida eterna e prazerosa na terra da imortalidade. Era o ritual de iniciação que internamente revelava-se com propósitos anticolonialista, pois assinalava implicações étnicas e sociais de escravização das pessoas brancas, e assim, nesse ato de “rebeldia” que se construía uma oposição à Igreja Católica.

VI Semana Acadêmica de Pesquisa, Inovação e Extensão da UEMASUL  
07 a 09 de novembro de 2023- Imperatriz - MA

Às resistências indígenas evidentemente mostravam-se antiescravistas e eram absorvidas pela Santidade a maneira como algumas dimensões do catolicismo iam sendo absorvidas pelo fenômeno, que ficou popularmente conhecido em todo o litoral brasileiro por homens que presenciaram a vivência colonial por duas óticas distintas, assolados pela permanente ambivalência religiosa do Novo Mundo. Eram homens dilacerados pelo colonialismo português, que tinham como arma de insurreição a fluidez de suas identidades que tinham uma pulsão de religiosidade popular aberta à magia, portanto, a Santidade mostrou-se sincrética, mas variável, que revelava-se à maneira do outro, como uma diversidade que resultou da hibridização de conflitos.

## CONCLUSÕES

Esta pesquisa teve como objetivo geral pesquisar a construção da matriz religiosa brasileira no período colonial, com ênfase nos processos sincréticos e híbridos que resultaram no “Catolicismo Tupinambá” ou Santidade de Jaguaripe, no primeiro século de ocupação da colônia brasileira.

Dentre os principais resultados, destaca-se a dificuldade histórica de inserção religiosa dentro da cultura indígena, uma vez que eles mostram-se abertos ao novo, mas sem nunca abandonar seus modelos ritualísticos. Esse fator se evidencia historicamente, em relação à Santidade de Jaguaripe, quando percebe-se a inserção de artefatos católicos, sob perspectivas indígenas, sem perder a sua ligação com sagrado natural e com seus ancestrais.

Em relação aos principais resultados obtidos sobre a os movimentos de Santidade, constatou-se que a de Jaguaripe se evidencia como a mais relatada, pelo fator de proximidade com os brancos, mamelucos, negros, mestiços, o que evidencia a pluralidade no desenvolvimento da construção historiográfica da matriz religiosa brasileira, uma vez que:

(...) fomes e guerras suscitam profetas, heresias; contatos violentos influem sobre a própria repartição da população e sua natureza, mestiçagens de sociedades inteiras (é o caso da colonização) fazem surgir forçosamente novas ideias e novas tradições” (BOURDIEU, 2007, p 74)

Em vista disso, podemos observar o papel que as comunidades indígenas tiveram no



VI Semana Acadêmica de Pesquisa, Inovação e Extensão da UEMASUL  
07 a 09 de novembro de 2023- Imperatriz - MA

processo de colonização brasileira e na sua formação enquanto sociedade, envolvendo sua cultura e religiosidade, influenciaram diretamente no surgimento de novos paradigmas religiosos, novos conceitos ritualísticos, que se evidencia na rebeldia Tupi, que apesar de ter sua cosmologia invadida, não se deixou dominar. Observar os indígenas como indivíduos de resistência e produtores de memória e história, uma vez que resistiram, lutaram e reinventaram elementos.

De maneira simbólica, a Santidade surge como um agente histórico de preservação dos seus dogmas, cânticos, rituais e cultura. Por esse fator, considerar os indígenas como agentes históricos ativos que estabelecem suas relações a partir da vivência, mostra a capacidade indígena de resistir e influenciar, de maneira decisiva e direta, outras culturas e históricas, alegando assim, uma Santidade viva.

#### **APOIO FINANCEIRO**

Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão - FAPEMA e Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão - UEMASUL

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- ALMEIDA, Mário de Souza. ELABORAÇÃO DE PROJETO, TCC, DISSERTAÇÃO E TESE: Uma Abordagem Simples, Prática e Objetiva. Atlas, 2º edição, 2014.
- BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas simbólicas. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- BOFF, L. América Latina: da conquista à nova evangelização. In: PILETTI, N. História do Brasil. São Paulo: Ática, 1993.
- CARDIM, Fernão. Do princípio e origem: Índios do Brasil. Seus costumes, adoração e conceitos. Rio de Janeiro: Typographia da Gazeta de notícias, 1881.
- FERNANDES, Florestan. A organização social dos Tupinambás. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1963.
- FUNARI, Pedro Paulo. NAVARRO, Alexandre Guida, FUNARI, Raquel dos Santos (org.). Memória, cultura material e sensibilidade: estudos em homenagem a Pedro Paulo Funari. São Paulo. Paco e Littera, 2021.
- LÉRY, Jean de. Viagem à terra do Brasil. São Paulo: Dimensão, 2015.
- MÉTRAUX, Alfred. A Religião dos Tupinambás: E suas relações com as demais tribos tupis-guaranis. São Paulo: Brasiliana, 1950.
- THEVET, André. Singularidades da França Antártica, a que outros chamam de América. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2018.
- VAINFAS, Ronaldo; SOUZA, Juliana Beatriz de. Brasil de todos os Santos. São Paulo: Zahar, 1999.
- VAINFAS, Ronaldo. A heresia dos índios. São Paulo: Companhia das Letras, 2º edição, 2022.